5.

Conclusão

Adaptar qualquer obra literária para um outro meio é hábito que perdura há muitos anos e, embora não possamos sufocar a adaptação nas amarras da fidelidade, adaptar um texto clássico e, portanto, com personagens e situações bastante conhecidas, embora nem sempre lidas, é uma responsabilidade que requer, no mínimo, coragem.

É preciso, entretanto, que esteja sempre presente a noção de adaptação como uma nova obra surgida através de uma leitura particular que está localizada em determinados tempo, espaço e cultura. Adaptar é ler e, posteriormente, transformar o texto-fonte em algo novo e capaz de suscitar leituras próprias. Capaz também, algumas vezes, de lançar uma nova luz sobre o texto adaptado, gerando novas leituras.

De um lado, um escritor que, ainda vivo, era respeitado e enaltecido por quase todos os seus contemporâneos. Após a morte, tornou-se uma figura quase idolatrada, um mito. Foi capaz de escrever obras que suscitaram diferentes interpretações e que, até hoje, são capazes de gerar leituras divergentes. *Dom Casmurro*, através da personagem Capitu, criou um enigma que não possui a necessidade de resolvido. Um enigma, entretanto, que apenas surgiu claramente a partir da década de 60 através do olhar de uma crítica norte-americana. Afinal, toda crítica está localizada em tempo e espaço determinados, que influenciam as leituras realizadas. Portanto, se no passado era impossível enxergar Capitu como uma vítima de um homem ciumento, hoje podemos ler Bento como o algoz de uma mulher inocente. Ou não. Abriram-se possibilidades de leitura que fazem de *Dom Casmurro* um romance com muitos caminhos a serem escolhidos. Machado de Assis, portanto, criou um labirinto no qual o leitor escolhe seus caminhos dentro daquilo que o texto permite.

Do outro lado, um diretor corajoso, que escolheu encarar o desafio de adaptar um texto tão importante no imaginário cultural brasileiro. Um diretor que conhece as regras da televisão, a preocupação constante com a audiência e, nem por isso, furtou-se em realizar uma obra televisiva fora dos padrões vigentes. Em comum Machado de Assis e Luiz Fernando Carvalho têm a capacidade de ir contra o habitual, o corriqueiro. Ambos são capazes de criar obras inquietantes e que geram diversas interpretações.

Luiz Fernando Carvalho, entendendo a abrangência da televisão, escolheu fazer de *Dom Casmurro* uma ópera rock. Tendo sucessos e fracassos na televisão brasileira, o

diretor arriscou-se em manter sua marca presente desde *Hoje é dia de Maria* e fugiu do convencional. *Capitu* traz o vigor de uma nova maneira de fazer televisão ao mesmo tempo em que prova a modernidade do texto de Machado de Assis. Um Machado de Assis que, ainda hoje, permanece em seu lugar distanciado, levando consigo sua literatura. Uma literatura pela qual poucos jovens possuem um interesse sincero fora das salas de colégio. Assim, para atrair novos leitores, para provar que o texto machadiano é moderno, Carvalho preocupou-se com os espectadores que possuem hoje acesso a todo tipo de informação, através de diferentes mídias. Desde antes de sua estreia, já havia a preocupação de *Capitu* atrair aqueles que utilizam tais mídias. A utilização de DVDs espalhados e a criação do premiado projeto “Mil Casmurros” criou, no mínimo, uma expectativa em torno da minissérie e mostrou e inovou a maneira pela qual uma obra televisiva pode ser divulgada, no qual imperava a interatividade com o público.

A utilização de vários tipos de linguagens em *Capitu* buscou acompanhar tais jovens e atraí-los para a literatura de Machado de Assis. Além disso, a partir do uso da estrutura de *Dom Casmurro* foi possível aproximar-se da linguagem fragmentária a qual temos acesso hoje e é através da trilha sonora que Carvalho deixa mais clara sua intenção de chamar a atenção do telespectador mais novo para um texto clássico que, como tal, possui o vigor necessário para que permaneça. Entretanto, o diretor escolheu construir uma obra teledramatúrgica na qual aquilo que não é dito pode significar mais do que o dito, pois, principalmente figurino e cenário possuem significados que contribuem para a construção da narrativa da minissérie, que traz consigo a marca da dúvida.

Luiz Fernando Carvalho escolheu preservar o texto de *Dom Casmurro*, não criar palavras novas. Entretanto, deslocou capítulos e situações dentro de *Capitu* e criou imagens próprias que traduzem a sua visão do romance machadiano. O diretor, portanto, seguiu seu próprio caminho em um texto que possui diversas bifurcações. Assim, como uma espécie de Pierre Menard, utilizou as mesmas palavras de Machado de Assis e criou uma nova obra, em um outro meio de expressão. Vimos, através das diversas interpretações que o *Dom Casmurro* de hoje não é o mesmo do *Dom Casmurro* de cem anos atrás.

Como vimos, na década de 70, as adaptações fizeram-se presentes nas telenovelas brasileiras, através da escolha de textos-fonte que possuíssem narrativas lineares e forte cunho melodramático, de maneira que atraíssem o maior número de espectadores. Já com a criação de um novo horário, às 22 horas, assuntos mais

polêmicos e obras mais bem acabadas surgiram na teledramaturgia brasileira. Entretanto, a grande maioria das adaptações seguia uma linguagem própria da televisão, afastando-se do literário e preocupando-se, sobretudo, com a imagem. Carvalho, principalmente a partir de *Os Maias*, passou a buscar uma nova forma de fazer teledramaturgia, que rompesse com a linguagem hegemônica da televisão. Em termos de audiência, a minissérie não foi bem, o público não foi atraído pela narrativa lenta nem pelas belíssimas imagens ali presentes. Entretanto, a ideia de Luiz Fernando Carvalho é justamente modificar o olhar do telespectador, que está acostumado com a velocidade e o realismo das imagens televisivas, e é a partir de *Hoje é dia de Maria* que o diretor ousa realizar uma nova maneira de fazer televisão, que mistura diversas linguagens e mantém-se distante do realismo, negando o óbvio da narrativa televisual.

Com a criação do Projeto Quadrante, Luiz Fernando Carvalho passa a buscar na literatura uma maneira de educar o telespectador, de permitir o acesso à chamada cultura erudita àqueles que não possuem tal possibilidade ou não se interessam pelos livros. Assim, utilizando o enorme alcance da televisão, Carvalho enxerga nas adaptações uma maneira de levar cultura, mas não através do modo convencional presente na teledramaturgia, pois é preciso também modificar o olhar já moldado do telespectador. *Capitu*, portanto, está inserida nessa filosofia de Carvalho e segue as leis do Projeto Quadrante.

Dessa forma, Luiz Fernando Carvalho entrou no labirinto machadiano com algumas coordenadas que determinaram suas escolhas: as interpretações e a fortuna crítica sobre Machado de Assis que influenciaram novas leituras e impossibilitam certezas quanto o romance, a ideia do diretor de fazer uma nova televisão, seu objetivo de levar a literatura do autor de *Dom Casmurro* para uma nova parcela de leitores e a necessidade de agradar àqueles que conhecem e apreciam o escritor.

Assim, *Capitu* foi construída a partir de uma leitura particular de seu texto-fonte e com objetivos determinados que influenciaram tal leitura e, conseqüentemente, a realização da adaptação. Como uma nova obra artística, *Capitu* torna-se um novo labirinto que tentamos percorrer e compreender ao longo deste trabalho.